

Universidades

www.jornaleconomico.pt

Boletim de informação académica



Foto Cedida

INVESTIMENTO

Politécnico de Viana do Castelo cria centro de investigação de 6,5 milhões para economia azul

Projeto para a construção do edifício aguarda financiamento do PT2030. Objetivo é que seja construído no próximo ano e entre em funcionamento em 2024.

ALMERINDA ROMEIRA
aromeira@jornaleconomico.pt

Nascerá junto à praia do Norte com rumo bem definido: fomentar a investigação na área da economia azul. O Centro de Investigação e Desenvolvimento, projeto que o Instituto Politécnico de Viana do Castelo (IPVC) tem na calha, está direcionado para o desenvolvimento de projetos e testes no âmbito das energias renováveis oceânicas, robótica submarina e tecnologia alimentar direcionada para os recursos marinhos.

Carlos Rodrigues, presidente do IPVC, revela ao JE Universidades que o custo total estimado do investimento é de 6,5 milhões de euros. Neste momento, não está assegurado, mas tem a expectativa de que possa vir a ser obtido através do PT 2030. “Se tudo correr como planeado, o Centro de Investigação e Desenvolvimento será cons-

truído até final de 2023”, adianta, acrescentando, que se estima que o edifício possa entrar em funcionamento em 2024.

O Politécnico de Viana do Castelo desenvolve investigação na área da economia azul, ou economia do mar, como também é designada, mas a nova infraestrutura permitirá “robustecê-la”. Também contribuirá para impulsionar a outra face da moeda, o ensino.

O IPVC está “cada vez mais alinhado com as novas metodologias de ensino”, diz Carlos Rodrigues, pelo que a existência do Centro pressupõe o envolvimento dos estudantes em atividades que extravasam os limites da sala de aula. “É nossa intenção que estes sejam envolvidos direta ou indiretamente nos diversos contextos. Ou seja, na participação de projetos de investigação, no desenvolvimento de tarefas específicas, entre outras”, salienta.

O projeto do Centro de Investi-

gação e Desenvolvimento é da autoria da empresa Vítor Hugo - Coordenação e Gestão de Projetos. Valoriza soluções que “privilegiem a flexibilidade e durabilidade do edifício”, assinala Carlos Rodrigues. Dentro destas, refere, por exemplo, a certificação de qualidade ambiental dos materiais aplicados e a utilização e incorporação de materiais reciclados na construção. ‘Noblesse oblige’, o edifício estará dotado de soluções solares tér-

O edifício estará dotado de soluções solares térmicas para produção de águas quentes sanitárias e de soluções fotovoltaicas para produção de energia elétrica

micas para produção de águas quentes sanitárias e de soluções fotovoltaicas para produção de energia elétrica, que permitirão reduzir as emissões de CO2. Complementarmente, serão adotadas soluções de reforço da eficiência hídrica do edifício, com reutilização das águas pluviais das coberturas.

Pretende-se que o Centro de Investigação e Desenvolvimento seja um veículo de colaboração entre instituições de ciência, tecnologia e ensino e o tecido económico e social, numa área chave — o mar.

De referir que a estratégia de I&D+i do politécnico faz da “implementação de atividades que dinamizem a integração de conhecimento científico e tecnológico e a sua transferência para a comunidade, contribuindo para o desenvolvimento sustentável”, um dos seus pilares. Numa primeira instância, o desenvolvimento da região, onde se insere, e, por consequência natural, do país. ■

OPINIÃO

Céline Abecassis-Moedas quer mais mulheres no topo das empresas para I&D e inovação ■ P2

INTERNACIONALIZAÇÃO

ULisboa abre faculdade na Universidade de Xangai já em setembro

Projeto envolve Técnico, Instituto de Agronomia e Faculdade de Ciências e arranca com seis cursos de Engenharia. Acordo poderá ser alargado a outras áreas científicas. ■ P2

ENTREVISTA

“O ISCAL tem de reforçar o papel no processo de capacitação das empresas”



Pedro Pinheiro
Presidente do ISCAL

Formação que contribua para a capacitação das empresas, inovação pedagógica e internacionalização da oferta figuram nas prioridades de Pedro Pinheiro para o mandato. ■ P4

ARQUEOLOGIA

A emocionante viagem de Nuno Bicho no rasto do Homo Sapiens ■ P6

RANKING FT

Equipa de Luís Cardoso leva ISEG ao olimpo da Formação Executiva ■ P7

OPINIÃO

Mais mulheres no topo das empresas para I&D e inovação



Céline Abecassis-Moedas
Diretora da Formação de Executivos da Católica Lisbon School of Business & Economics

O número de mulheres na gestão de topo das empresas tem vindo a aumentar, mas, mesmo assim, este número continua a ser demasiado baixo.

Uma investigação recente nos Estados Unidos da América, focada no impacto das mulheres nos cargos de direção, mostra que este impacto traduz-se normalmente em mais abertura à mudança, mais inovação e mais investigação e desenvolvimento (I&D), e que esta mudança acontece apenas após alguns anos de estas mulheres ingressarem nas equipas de direção.

Diversos estudos anteriores, como os realizados pela BCG e pela McKinsey, concluíram que as empresas com presença de mulheres no Conselho de Administração têm uma performance financeira superior. O papel das mulheres e da diversidade (não somente de género) nos conselhos de administração já foi sublinhado. Em particular, o aumento da diversidade permite reduzir o “groupthink” (o facto de todos pensarem da mesma maneira) levando assim a uma diminuição do risco e a um aumento da inovação.

Esta nova investigação permite um foco ainda mais detalhado nas diferenças trazidas pela presença de mulheres na equipa de gestão, mostrando em particular que estas empresas acabam por estar mais abertas à mudança e menos propensas ao risco. Especificamente, estas organizações investem mais em I&D interno ao invés de fazerem fusões e aquisições. Este estudo recente sublinha ainda que a presença de mulheres no topo das empresas, não só permite trazer perspetivas novas, mas também muda a maneira de pensar de toda a equipa, que se torna mais aberta (de maneira

coletiva) à mudança. O estudo sublinha a passagem de uma estratégia de aquisição de conhecimento para uma estratégia de construção interna de conhecimento através de I&D.

Nesta perspetiva, quero sublinhar a importância da diversidade em todos os níveis das empresas. A Católica, como universidade, tem uma responsabilidade nesta área e o dever de formar mulheres na gestão e, em particular, na gestão de topo.

A Católica-Lisbon tem o orgulho de estar no top 10 das escolas na Europa com mais mulheres nos seus programas de formação executiva (com 48% de participantes mulheres). Vamos continuar este caminho, preparando mais mulheres da melhor maneira possível para que elas possam chegar aos cargos de direção e criar a inovação necessária nas nossas empresas. ■



A presença de mulheres no topo das empresas, não só permite trazer perspetivas novas, mas também muda a maneira de pensar de toda a equipa, que se torna mais aberta à mudança



INTERNACIONALIZAÇÃO

ULisboa abre faculdade na Universidade de Xangai já em setembro

Projeto arranca com seis cursos de Engenharia e envolve o Instituto Superior Técnico, o Instituto de Agronomia e a Faculdade de Ciências. Acordo poderá vir a ser alargado a outras áreas científicas.

ALMERINDA ROMEIRA
aromeira@jornaleconomico.pt

É caso para dizer que ‘se Maomé não vai à montanha...’. Os chineses vão poder estudar na Universidade de Lisboa (ULisboa) sem terem de atravessar metade do mundo. É já a partir de setembro, altura em que a maior universidade portuguesa abre portas na Universidade de Xangai.

“O desafio que foi feito à ULisboa para colaborar com a Universidade de Xangai é particularmente aliciante por revelar o prestígio que a universidade e a ciência portuguesas atingiram na China”, salienta João Peixoto, vice-reitor da ULisboa, ao JE Universidades.

A abertura de uma Faculdade da ULisboa foi aprovada no início de maio pelo Ministério da Educação da República Popular da China e



João Peixoto
Vice-reitor da Universidade de Lisboa



Bloomberg

prevê apenas o ensino de alguns ramos da Engenharia. No entanto, o acordo entre as duas instituições poderá ser alargado a outras áreas científicas, adianta João Peixoto. “Nesta fase, há três licenciaturas e três mestrados envolvidos nesta parceria, todos na área da Engenharia Eletrotécnica e de Computadores, Engenharia Civil e Engenharia do Ambiente”, adianta.

As licenciaturas e os mestrados em Engenharia Eletrotécnica e de Computadores e em Engenharia Civil são garantidos, do lado da ULisboa, pelo Instituto Superior Técnico (IST). Já a licenciatura e o mestrado em Engenharia do Ambiente são oferecidos em conjunto por três escolas da ULisboa: Técnico, Instituto Superior de Agronomia e Faculdade de Ciências.

À Universidade de Lisboa cabe a disponibilização de recursos humanos altamente qualificados – neste caso, os docentes que se deslocarão a Xangai para lecionar algumas unidades curriculares.

“Está previsto que cerca de um terço das unidades curriculares das licenciaturas e mestrados seja lecionado por docentes nossos. O pagamento das deslocações decorrerá inteiramente das propinas pagas pelos estudantes”, esclarece o vice-reitor.

A Universidade de Xangai garante o segundo terço dos docentes, enquanto o terceiro será recrutado internacionalmente. Do lado luso, os cursos de Engenharia Eletrotécnica e de Computadores e de Engenharia Civil, são ministrados por professores do Técnico, enquanto a licenciatura e mestrado

em Engenharia do Ambiente é garantida por professores de Agronomia, Técnico e Ciências.

As aulas são em inglês, tendo o português como segunda língua, com passagem por Lisboa, uma vez que está definido que os alunos frequentem uma parte do seu ciclo de estudos em Portugal. Numa primeira fase deverão estudar na faculdade 900 estudantes.

Porquê a China?

O vice-reitor da ULisboa explica ao JE Universidades que a internacionalização é um dos principais eixos de desenvolvimento estratégico da Universidade Lisboa – como, acontece aliás, com todas as outras grandes universidades do mundo. Não começou ontem, explica: “Encontra-se já bem enraizada na nossa Universidade, através da oferta de ciclos de estudos em parceria, da presença de muitos estudantes e docentes estrangeiros, da participação dos nossos investigadores em eventos científicos em todo o mundo, da publicação dos nossos resultados científicos em revistas internacionais”.

Este é, no entanto, um novo e importante passo na sua internacionalização, admite João Peixoto. “A oferta de graus de ensino no estrangeiro é, porém, uma área de atuação que até hoje foi muito limitada”.

Porquê a China? A escolha resulta de vários fatores, explica. “A importância deste país no mundo contemporâneo; a grande velocidade com que se desenvolvem as suas instituições de ensino superior e de investigação; e a oportunidade de contribuir com conheci-

mento aplicado num país com altos níveis de crescimento”.

Neste último aspeto, esclarece — “deve ser destacado que o intercâmbio se destina à formação de profissionais que vão trabalhar em Xangai, uma cidade que é um dos epicentros da atual dinâmica da China, e em iniciativas económicas diversas envolvendo a China e os países de língua portuguesa”.

A Universidade de Xangai localiza-se na cidade com o mesmo nome, uma mega-metrópole com 25 milhões de pessoas, a maior da República Popular da China.

João Peixoto adianta ao JE Universidades que todos os investimentos em infra-estruturas ficam por conta da Universidade de Xangai, uma instituição relativamente recente, que, refere, se tem expandido de forma muito acentuada, com uma estratégia parcialmente baseada em laços internacionais. “É aí que terá lugar a grande maioria das aulas das licenciaturas e mestrados em que estamos envolvidos”, adianta.

Do ponto de vista formal, a nova entidade ganha o nome de Faculdade da ULisboa, Universidade de Xangai (ULisboa School, Shanghai University). A principal estrutura de gestão, o Joint Management Committee, conta com representantes da Universidade de Xangai e da ULisboa. Nos primeiros dois anos a coordenação deste comité cabe a Xangai e nos dois anos seguintes a Lisboa. Depois, a sequência mantém-se.

“As principais decisões estratégicas implicam algum consenso entre as partes, porque nenhuma decisão pode acontecer sem o acordo de alguns elementos da outra parte”, explica João Peixoto. Será, entretanto, nomeado um presidente da Faculdade, designado por Xangai. O vice-presidente será escolhido pela ULisboa. ■

Uma universidade que é um mundo na maior metrópole da China

Fundada em outubro de 1922, a Universidade de Xangai (SHU), tem jurisdição do governo municipal e é uma das principais instituições de ensino superior desta mega metrópole com 25 milhões de habitantes. Universidade multidisciplinar, compreende 28 faculdades ou escolas e um departamento independente, onde se podem estudar ciências e engenharia, história e direito, belas artes e negócios, economia e gestão, só para citar algumas áreas. Em Xangai estudam cerca de 42 mil alunos e trabalham 2.800 professores e investigadores a tempo inteiro, dos quais 1.597 são doutorados e onze membros da Academia de Ciências da China e da Academia de Engenharia da China. A também conhecida pela sigla SHU foi uma das primeiras universidades autorizadas na República Popular da China a receber estudantes estrangeiros, em 1966. Desde então, mais de 20 mil jovens de 124 países passaram por lá. Atualmente são 3.600. ■ AR

OPINIÃO

Criar um perfil competitivo com experiência internacional



Filipa Monteiro Sequeira
Consultora de Carreiras
da Nova SBE

Não é surpresa para ninguém que vivemos, nos dias que correm, num mercado global. A premissa basilar da troca de bens ou serviços deixa de abranger apenas as fronteiras nacionais, para incluir o mundo inteiro. Este conceito, que engloba todas as esferas – económica, financeira, política, social, cultural – afeta também o mercado de trabalho.

Esta mundialização impacta quem está à procura de novas oportunidades profissionais. O candidato sabe que compete, hoje, com perfis de todo o mundo. E isso implica saber preparar-se para essa realidade.

Perante este contexto, a informação de que o candidato tem no seu percurso alguma exposição internacional, pode revelar-se valiosa. Isto é especialmente relevante para os perfis mais juniores, atualmente estudantes ou recentemente graduados que, desta forma, tornam o seu perfil mais competitivo. Assim, deverão considerar algumas experiências internacionais para incluir no seu CV e as escolas deverão encorajar e ajudar na preparação destes alunos para dar este passo.

Vale referir que, quando falamos em experiências internacionais, não nos cingimos apenas aos tradicionais estágios ou outras experiências profissionais. Estas são, obviamente, muito meritórias e enriquecedoras, mas outras vivências podem ser igualmente notáveis.

São disso exemplo os programas de intercâmbio no âmbito académico – sejam experiências mais longas (de seis meses ou um ano), mais curtas (de um mês durante o Verão, por exemplo), ou mesmo de algumas semanas num outro país para apren-

der um novo idioma. Estas atividades são as opções mais recorrentes para incluir esta internacionalização no CV. Obter formação (licenciatura ou mestrado) num outro país é também uma possibilidade.

Gostaria de fazer sobressair uma outra via: os programas de voluntariado internacional. São cada vez mais os programas deste formato organizados por entidades reputadas, de forma estruturada, com a antecedência necessária para que os interessados (e disponíveis) nestas missões consigam inclui-los nas suas agendas. Esta experiência inolvidável reveste-se de camadas de importância: não só permite a referida experiência internacional, como cria condições para a aquisição de competências improváveis de obter noutros contextos e finda-se, normalmente, com uma sensação de propósito cumprido, de realização, difíceis de igualar.

Outra nota de destaque para o chamado Gap Year, muito comum noutros países, e cada vez mais falado em Portugal. Na sua essência sugere que um estudante faça uma pausa no seu percurso de estudos “tradicional”, habitualmente de um ano, dedicando esse tempo a realizar outras atividades, idealmente a nível internacional. Este caminho pauta-se comumente por deixar o seu fim mais em aberto. Quem opta por esta via, pode tanto ter uma ideia muito concreta do que quer fazer, como pode querer lançar-se à aventura e ir explorar.

Outras escolhas haverá, sendo que aqui o realce deverá ser dado ao valor deste tipo de experiências e exposição. Para além de tornar o CV mais competitivo, qualquer experiência internacional é igualmente relevante para o desenvolvimento pessoal de quem nela incorre. São inúmeras as competências adquiridas em contextos internacionais, muitas vezes multiculturais, ganhando novas perspetivas sobre os mesmos temas.

Em suma, este investimento será sempre enriquecedor para qualquer experiência futura, seja profissional, extra-curricular, ou pessoal. ■

ENTREVISTA | PEDRO PINHEIRO | Presidente do Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa (ISCAL)

“O ISCAL tem de reforçar o papel no processo de capacitação das empresas portuguesas”

O crescimento da instituição passa por formação não conferente de grau, que contribua para a capacitação das empresas, pela inovação pedagógica e pela internacionalização da oferta formativa. As prioridades de Pedro Pinheiro para o mandato até 2026 incluem a investigação.

ALMERINDA ROMEIRA
aromeira@jornaleconomico.pt

Aí estudou, aí ensina. Pode dizer-se que Pedro Pinheiro conhece os cantos à casa como ninguém. A casa é o Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa (ISCAL), herdeiro da Aula do Comércio, criada por Marquês de Pombal em 1759. Professor na área da Contabilidade e Auditoria, fez o bacharelato em Contabilidade e Administração e formou-se em Controlo Financeiro. Só saiu do ISCAL para fazer o mestrado em Gestão com especialização em Finanças na Universidade de Évora e, depois, o doutoramento em Gestão na Universidade Lusíada de Lisboa. É autor de livros técnicos sobre a normalização contabilística nacional e angolana e de artigos técnicos e científicos publicados em revistas e apresentados em conferências, nacionais e internacionais. Nesta entrevista, Pedro Pinheiro, o novo presidente do ISCAL, fala-nos do legado da instituição, mas também da importância da inovação, revela as prioridades para o mandato que vai até abril de 2026, e adianta as principais novidades para o próximo ano letivo.

O que é o ISCAL? Quantos alunos tem?

O ISCAL é hoje uma instituição de ensino superior moderna e volta-da para o futuro, que teve a sua génese há mais de 250 anos e que tem procurado consolidar o seu lugar na sociedade, através da qualidade da formação, da investigação e das atividades de extensão à comunidade. Relativamente ao número de estudantes são hoje cerca de 3.500, de mais de 35 nacionalidades diferentes, repartidos por cinco licenciaturas e sete mestrados nas áreas das ciências empresariais e das ciências jurídicas.

Ainda subsiste o ADN inovador da Aula de Comércio criada no século XVIII pelo

Marquês de Pombal de que o ISCAL é herdeiro?

Indiscutivelmente, esse ADN ainda faz parte da essência do que é o ISCAL e da forma como o processo de ensino e aprendizagem é encarado. Mais de dois séculos volvidos, a preocupação com o saber fazer, com a preparação dos estudantes para o mercado de trabalho e com a interligação com a sociedade continuam a ser traços distintivos da instituição. A este ADN foi adicionada uma sólida componente científica que conduziu a que, atualmente, o ISCAL seja amplamente reconhecido pela qualidade dos seus diplomados. No entanto, não podemos considerar que este legado seja suficiente, por si só, para sustentar a imagem do ISCAL no longo prazo. Apenas mediante o reconhecimento nacional e internacional, pela excelência da sua investigação, pela excelência da formação e pela capacidade de transferir para a sociedade o conhecimento gerado é possível continuar a disseminar o referido ADN inovador.

Na tomada de posse disse que o único ponto que o vai nortear ao longo destes quatro



O subsistema de ensino politécnico, por mérito próprio, demonstrou ao longo do tempo a sua importância no contexto da sociedade portuguesa e como tal antevejo-lhe um futuro promissor

anos “é a melhoria contínua do ISCAL”. Melhoria em que sectores?

O processo de melhoria contínua tem, em qualquer organização, de ser encarado como fundamental para a existência de um crescimento sustentado, daí que tenha referido este aspeto enquanto traço orientador. Ao longo dos últimos anos foi efetuado um trabalho meritório relativamente ao reposicionamento do ISCAL e são essas as bases para a implementação da melhoria contínua referida.

Em linhas gerais, o que se pode esperar da sua presidência? Quais são as prioridades para o mandato?

Aqueles que me conhecem sabem que sou um entusiasta do desenvolvimento do ISCAL com uma forte preocupação com as pessoas, o seu bem-estar e o seu desenvolvimento. Estas são as premissas para um mandato cujas perspetivas passam pelo crescimento contínuo do ISCAL e pela sua consolidação no seio do ensino superior, num contexto marcado pelos desafios trazidos pela pandemia, pela transformação digital e pela instabilidade económica. Além destes desafios, conforme tenho tido oportunidade de referir, a necessidade de encarar as pessoas como o ativo mais valioso da instituição não pode ser subestimada, daí decorrendo a necessidade de fomentar uma cultura em que todos os agentes académicos possam, em conjunto, desenvolver-se e desenvolver o ISCAL num conjunto variado de áreas. De entre estas, as áreas da formação não conferente de grau, da inovação pedagógica, da internacionalização da oferta formativa, da investigação e da consolidação da relação com os diferentes stakeholders são aquelas que considero como áreas de intervenção prioritária.

Há novidades na forja para o próximo ano letivo?
Acredito que o ano letivo 2022/2023 ficará marcado pela

forte expansão da oferta formativa não conferente de grau. Contamos efetuar o lançamento de mais de uma dezena de cursos, em parceria com um conjunto vasto de entidades. Os perfis formativos foram pensados e desenhados tendo em consideração as reais necessidades da sociedade onde nos inserimos, ou seja, não pretendemos lançar oferta formativa em áreas em que já exista excesso de oferta, mas antes, tendo por base o tal ADN que foi referido, apresentar oferta formativa inovadora e contribua para um real *reskilling* e *upskilling* dos estudantes que frequentam os cursos.

Assim, serão apresentadas propostas formativas que se pretendem diferenciadoras, em áreas relacionadas com a contabilidade, a fiscalidade, a sustentabilidade, a gestão, a prática jurídica, entre outras.

Como se posiciona a oferta para responder aos novos tempos e em concreto aos desafios da digitalização e da sustentabilidade?

Ao nível da oferta formativa de primeiro e de segundo ciclo tem de existir uma preocupação constante com a atualização dos programas das unidades curriculares, procurando deste modo, que estes reflitam e possam dar resposta aos desafios que vão sendo colocados do ponto de vista societário. Ao nível dos cursos não conferentes de grau, o ISCAL procurará sempre ir ao encontro das necessidades do meio em que se insere, acompanhando as tendências e os desafios que as empresas e sociedade enfrentam. Nas áreas de conhecimento em que tendencialmente operamos, o impacto de aspetos como a transformação digital e a sustentabilidade serão imensos e, como tal, para que possamos preparar, de forma competente, aqueles que serão agentes de mudança, temos de ter especial atenção à constante atualização dos perfis formativos que oferecemos.

Existem alunos estrangeiros no instituto? De onde são?

Existem cerca de 500 estudantes de 37 nacionalidades diferentes a estudar no ISCAL, no presente ano letivo. Estes dados referem-se a estudantes internacionais, estudantes em programas de mobilidade e outras tipologias de estudantes. As principais nacionalidades são, como seria expectável, de países da CPLP [Comunidade dos Países de Língua Portuguesa], seguidos da Alemanha, Polónia, França, Eslováquia, Ucrânia e República Popular da China, entre outros.

Como se posiciona o ISCAL no campo da mobilidade com instituições dentro e fora do espaço europeu?

A mobilidade académica é hoje um especto indissociável de qualquer realidade académica e o ISCAL não foge à regra, tendo hoje cerca de duas centenas de estudantes em programas de mobilidade em instituições espalhadas por mais duas dezenas de países. Estes programas





Foto Cedida

permitem aos estudantes não apenas complementar a sua formação do ponto de vista técnico e científico, mas também incrementar o seu processo de desenvolvimento pessoal, sendo estas experiências muito valorizadas na abordagem ao mercado laboral.

Que papel desempenha o Instituto na capacitação das empresas portuguesas?

O Instituto tem de reforçar o seu papel no processo de capacitação das empresas portuguesas, todavia este caminho tem sido assumido pelo ISCAL como fundamental e tem vindo a ser trilhado. As instituições de Ensino Superior têm de assumir que a proximidade às empresas portuguesas é um fator crítico de sucesso para o cumprimento pleno da sua missão. Assim, relativamente aos programas de *reskilling* e *upskilling*, o ano letivo de 2022/2023 trará um conjunto vasto de novidades nesta temática.

Em que medida o combate

à corrupção passa por escolas como o ISCAL?

O combate à corrupção é um fenómeno que necessita de uma resposta mais abrangente e articulada que não passará apenas pelas instituições de ensino superior. No entanto, claramente que instituições como o ISCAL devem desempenhar um papel ativo neste combate, não apenas pelas áreas de formação em que opera, mas acima de tudo pelo seu papel enquanto entidade responsável pela formação de gerações futuras. Pretendemos associar uma preparação técnica e científica sólida a uma formação pessoal associada a conceitos de cidadania, sustentabilidade, ética e comunicação, entre outros. Logo, dada às áreas científicas em que operamos, temos uma responsabilidade acrescida e temos feito um esforço para que os programas das unidades curriculares e as atividades extracurriculares possam refletir essa mesma importância.

O ISCAL tem em construção um edifício no campus de Benfica do Politécnico de Lisboa, ao qual pertence. Qual é o ponto da situação do projeto?

A construção do novo edifício consideramos ser um aspeto fundamental para o desenvolvimento pleno das nossas atividades e como tal temos colocado todo o empenho na conclusão deste processo. Neste momento existem alguns constrangimentos orçamentais que trabalhamos diariamente para ultrapassar, de modo que a construção se possa iniciar ainda no presente ano letivo.

Elmano Margato, presidente do Politécnico de Lisboa, disse-nos que o edifício da Avenida Miguel Bombarda será transformado em residência universitária. Está a avançar?

Relativamente ao edifício da Avenida Miguel Bombarda, a decisão acerca do destino a ser dado às ins-

talações não depende da presidência do ISCAL, todavia, entendemos que estas poderiam ser transformadas num espaço com múltiplas valências que permitam suprir um conjunto mais vasto de necessidades, do que apenas a construção de residências universitárias. Ainda assim, repito que a decisão não passa pelo ISCAL e, como tal, podemos apenas apresentar soluções alternativas para serem consideradas no processo de decisão.

Como perspetiva o futuro do ensino politécnico em Portugal?

A questão do sistema binário de ensino superior vigente em Portugal continua a ser uma questão alvo de ampla discussão. O subsistema de ensino politécnico, por mérito próprio, demonstrou ao longo do tempo a sua importância no contexto da sociedade portuguesa e como tal antevejo-lhe um futuro promissor. Obviamente que este exercício de futurologia estará sempre condi-

cionado pelas opções que, do ponto de vista legislativo e orçamental, sejam efetuadas pelos sucessivos governos. Não considero plausível e tenho dificuldade em compreender que se continue a diferenciar negativamente, em muitos aspetos, um subsistema face ao outro, quando a contribuição para a sociedade portuguesa é efetuada por ambos e muitas vezes de modo já indistinto.

Discussões em torno da necessidade de repensar sistema binário, da desigualdade de oportunidades entre subsistemas ou da especificidade de cada um deles não se podem suplantam a necessidade de cada vez afirmar o ensino superior português como um hub de inovação e um espaço de criação de conhecimento de excelência. Acima de tudo, considero importante continuar a afirmar Portugal e as instituições de ensino superior portuguesas no contexto internacional e é, tendo por base esta visão, que o ISCAL irá encarar os próximos quatro anos. ■

ARQUEOLOGIA

A emocionante viagem de Nuno Bicho no rasto do Homo Sapiens

O investigador português, vice-reitor da Universidade do Algarve, está de regresso a Moçambique. Nesta descoberta pelos vales do Sado e do Limpopo faz-se acompanhar por uma equipa multidisciplinar para comprovar, através da arqueologia, o modelo genético de que as populações humanas da África Austral foram a génese da migração da nossa espécie.

ALMERINDA ROMEIRA
aromeira@jornaleconomico.pt

A longa viagem empreendida por Nuno Bicho no século XXI, começa lá longe, no tempo e no espaço. Estudos genéticos apontam para que há 70 mil anos, 80 mil anos, tenha havido uma comunidade que saiu da África do Sul em direção à África Oriental, passou para a Península Arábica e espalhou-se pelo resto do mundo. “É a base genética daquilo que nós somos hoje”, afirma o investigador e ‘alma mater’ do Centro Interdisciplinar de Arqueologia e Evolução do Comportamento Humano da Universidade do Algarve (ICArEHB), ao JE Universidades.

“É preciso dizer — afirma — que terá havido outras migrações de África para fora, da nossa espécie, mas que não resultaram do ponto de vista genético. Foi, de facto, esse grupo de há 70 mil anos que deu origem ao que somos e a esta diáspora que cobriu o mundo todo”.

Os dados genéticos confluem nesse sentido. Será que os dados arqueológicos dizem o mesmo? A pergunta está, por enquanto, no ar. “Aquilo que eu quero saber é se os dados arqueológicos confirmam essa hipótese ou se, pelo contrário, não concordam com ela”, explicamos. À resposta chegará através do estudo. “Olhando para a arqueologia e utilizando novas metodologias e novas técnicas, vamos tentar fazer um teste científico à teoria genética. Esta é a ideia base do nosso projeto”, adianta.

O projeto chama-se “Dispersals”, ou Dispersões, em português e re-



Foto cedida

cebeu, recentemente, uma bolsa de 2,5 milhões de euros do Conselho Europeu de Investigação (ERC). Tem como propósito o estudo das dinâmicas das primeiras migrações do Homo Sapiens a partir de África e avaliar o modelo genético de que as populações humanas da África Austral foram a génese da migração da espécie, a partir daquele continente, há cerca de 70 mil anos.

Da Península Ibérica a África
Nuno Bicho, investigador, hoje professor catedrático e vice-reitor da Universidade do Algarve (UAlg), iniciou a sua grande viagem na peugada do Homo Sapiens nos anos noventa. Jovem bolseiro da Junta Na-

cional de Investigação Científica e Tecnológica (JNICT), bebeu conhecimento e experiência internacional enquanto se apaixonava perdidamente pela problemática da chegada da nossa espécie à Península Ibérica. Centrou-se na relação entre o Homo Sapiens e os Neandertais e na forma como foi essa relação aqui, no extremo mais ocidental da Europa. “É uma história que aconteceu entre 35 mil e 45 mil anos”, sublinha. “Depois comecei a pensar que seria mais interessante recuar muito mais no tempo e estender a problemática até ao aparecimento da nossa espécie”, adianta.

Também recuou no espaço. Foi ao berço. Em 2011, com o investi-

gador norte-americano Jonathan Haws, Nuno Bicho esteve em Moçambique para avaliar o potencial de estudo. Ao fim de dois, três anos conseguiu obter uma bolsa da Fundação para a Ciência e Tecnologia e começou a fazer os primeiros trabalhos de campo sistemáticos. Contamos: “Desde 2014 até 2019, tivemos vários projetos e fomos várias vezes para Moçambique. Foi aí que descobrimos os elementos base que nos permitiram escrever a proposta e ganhar agora a bolsa ERC”. Ou seja, a bolsa que o vai levar de novo a este país de língua oficial portuguesa.

O financiamento europeu permitirá que um conjunto alargado de investigadores internacionais reali-

zem trabalhos na área que “medeia as duas regiões chave do aparecimento” da espécie humana. Com Nuno Bicho no trabalho de campo estarão cerca de 20 pessoas, durante dois meses, investigadores, mas também jovens estudantes, alguns dos quais da moçambicana Universidade Eduardo Mondlane.

“Vamos utilizar toda uma bateria de técnicas e tecnologias novas que permitirão encontrar dados que tradicionalmente não são encontrados por outras vias”, esclarece. Não se trata de puro trabalho arqueológico tradicional, é um trabalho multidisciplinar, envolvendo ciências como a genética, a proteómica, a geologia e a química.

África do Sul e África Oriental são duas áreas geográficas chave para estudar e saber mais sobre a nossa espécie, a sua origem, o seu desenvolvimento, as suas adaptações. “Olhando para o mapa dos sítios arqueológicos mais importantes, é imenso o vazio que se vê entre essas duas regiões. Nesse vazio, fica Moçambique e mais especificamente ficam os vales dos rios Sado e Limpopo, no coração do país”, explica.

Estamos mesmo na pontinha sul do Grande Vale do Rift, que se estende pelo continente africano desde o Egito, a norte. “É uma zona de passagem natural entre as duas regiões”, esclarece Nuno Bicho, justificando: “Moçambique é de facto o sítio perfeito para se poder estudar a relação e a migração dessas comunidades antigas da nossa espécie”.

Uma viagem emocionante no rasto até às origens do Homem. ■

INVESTIGAÇÃO

Coimbra quer revolucionar tratamento para cancro da bexiga

ALMERINDA ROMEIRA
aromeira@jornaleconomico.pt

Frederico Furriel dá rosto e voz a um estudo da Universidade de Coimbra que tenta ultrapassar o insucesso da imunoterapia no cancro da bexiga. “Se os nossos resultados forem positivos, poder-se-á, numa fase posterior, avançar para ensaios clínicos em humanos para testar os novos fármacos de imunoterapia, eventualmente em associação aos que já se usam hoje”, adianta o investiga-

dor principal do projeto e médico urologista.

Os investigadores da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra estudam possíveis mecanismos de evasão imunitária que limitam o sucesso da imunoterapia no cancro da bexiga, lançando bases para o desenvolvimento de novos fármacos para combater este tipo de tumor que, em fase avançada, tem uma elevada taxa de mortalidade.

Iniciado em 2019, este estudo, de carácter translacional e multidisciplinar, é realizado em parceria



com o Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra, Centro Hospitalar de Leiria e Hospital CUF de Coimbra e designa-se “Inibição da via da adenosina - uma nova abordagem para potenciar a imunoterapia no cancro da bexiga avançado”.

Além de Frederico Furriel, a equipa da Faculdade de Medicina e do Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra é constituída por Belmiro Parada, Célia Gomes, Margarida Pereira, Hugo Ferreira, Paula Laranjeira, Vítor Sousa e Artur Paiva. ■

FIGURA EM DESTAQUE

Luís Cardoso leva ISEG ao olimpo da Formação Executiva



Luís Cardoso e Clara Raposo têm razões para sorrir. Catarina Paiva e Filipa Cristóvão também. Ainda não passaram três anos desde que lançaram a semente à terra e já começam a colher os resultados.

Justamente no dia em que no Quelhas se celebrava o 111.º aniversário do ISEG, chegou a notícia da estreia da Escola no ranking Executive Education do Financial Times 2022, o mais prestigiado do mundo, e logo nas duas vertentes: “open rank” e “custom rank”.

“Estamos muito satisfeitos com este desenvolvimento. É um passo crucial para nós em termos de reconhecimento e reputação”, salientou Luís Cardoso ao JE Universidades. A fasquia foi traçada no verão de 2019 quando a recém eleita presidente do ISEG, Clara Raposo passou aos actos. Para afirmar

a formação executiva, área estratégica para a centenária Escola, na sua perspetiva, foi à Universidade Católica e contratou a melhor equipa do país. Luís Cardoso tornou-se presidente do ISEG Executive Education, Catarina Paiva, assegurou a responsabilidade dos programas de inscrição aberta, e Filipa Cristóvão ficou responsável pelos programas customizados.

“Temos que ser muito ambiciosos, muito determinados e muito resilientes”, afirmou Luís Cardoso, em setembro desse ano ao Jornal Económico. Agora, mal soube da notícia disse-nos que se tratava apenas do princípio. “Estamos determinados a continuar esta trajetória e ir bem mais longe. O ISEG tem historial e recursos, nomeadamente docentes, que nos permitem ter ambição elevada.

Queremos vir a ser reconhecidos como um parceiro ímpar em Portugal para o desenvolvimento de pessoas e das organizações”.

O ISEG entra no olimpo da Formação Executiva global de forma notável, obtendo o 46.º lugar nos Programas Customizados e o 54.º nos Programas Abertos. Num ranking que lista as melhores Escolas de Gestão a nível mundial, o ISEG – Lisbon School of Economics and Management, da Universidade de Lisboa, junta-se à Católica Lisbon, à Nova SBE e à FEP | PBS da Universidade do Porto, escolas com lugar cativo neste mundo. “Estou orgulhosa deste reconhecimento da nossa formação executiva, que é particularmente arrojada, no Top 50 de todo o mundo”, salienta Clara Raposo. ■ AR

Breves

Antigo aluno do IPVC partilha autoria do cartaz das Festas da Agonia



José Raposo, antigo aluno do mestrado de Marketing da Escola Superior de Ciências Empresariais do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, e Renan Morgado, com quem fundou a empresa Loading Marketing Consulting, assinam o cartaz oficial da Romaria de Nossa Senhora d'Agonia 2022. A imagem da vianense vestida com o traje verde de lavradeira das Terras de Geraz do Lima, “transmitindo movimento e esperança no regresso à normalidade”, conquistou o júri entre as 60 propostas a concurso.

Aluna da UMinho premiada

Maria João Vaz, investigadora em Sociologia na UMinho, venceu o Prémio de Melhor Artigo de Doutoramento atribuído na 5ª Conferência Internacional de Investigação em Turismo. Estudo é pioneiro na análise ética e social sobre big data no turismo nacional.

Professores da U.Porto distinguidos por Mérito Científico

Ana Luísa Amaral, Luíza Cortesão e Walter Osswald, professores da U.Porto foram agraciados pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior com a Medalha de Mérito Científico 2022. O galardão é atribuído a individualidades que de forma valiosa e excecional tenham contribuído para o desenvolvimento da ciência ou da cultura científica em Portugal.

Medalha de Ouro europeia pelo trabalho científico e clínico

Celso Matos, codiretor da Champalimaud Research e Diretor do Serviço de Radiologia do Centro Clínico Champalimaud, foi premiado pelo seu trabalho científico e clínico. A distinção partiu da ESGAR - European Society of Gastrointestinal and Abdominal Radiology e teve a forma de Medalha de Ouro.

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Técnico apaga 111 velas e homenageia os seus

ALMERINDA ROMEIRA
aromeira@jornaleconomico.pt

“São o melhor que o país tem. E é em vós que reside a esperança de um futuro melhor que, hoje, simbolicamente aqui começa”. As primeiras palavras de Rogério Colaço foram para os alunos. Depois, para os professores a quem salientou a resiliência.

O Salão Nobre do majestoso edifício da Alameda D. Afonso Henriques em Lisboa, encheu para festejar os 111 anos do Instituto Superior Técnico, a maior escola de engenharia de Portugal. Eram quase todos da casa, incluindo o antigo ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Manuel Heitor, docente do Departamento de Engenharia Mecânica, distinguido na



Gonçalo Gouveia / Técnico

categoria de Professor Distinto 2022. Na contraparte da investigação, Isabel Prudêncio, presidente do Departamento de Engenharia e Ciências Nucleares recebeu a graça de Investigadora Distinta 2022. No grupo dos homenageados também estiveram trabalhadores.

Elvira Fortunato, a nova ministra da tutela, e Luís Ferreira, reitor da Universidade de Lisboa, que o Técnico integra, associaram-se à celebração durante a qual foram entregues mais de 300 diplomas de excelência no ensino, contemplando alunos de todos os departamentos. A ministra apontou o Técnico como exemplo em Portugal e no mundo e o alumni e autarca da capital, Carlos Moedas salientou a “comunidade de alunos e alunas, de homens e mulheres que têm um sonho: mudar o mundo.” ■

ERASMUS MUNDUS

Estudar Tecnologias Geoespaciais em três países, sem custos

Mestrado da Nova IMS em Tecnologias Geoespaciais tem 3,9 milhões para distribuir em bolsas nos próximos cinco anos. Aulas são em Portugal, Espanha e Alemanha.

ALMERINDA ROMEIRA
aromeira@jornaleconomico.pt

O Mestrado em Tecnologias Geoespaciais da Nova IMS é uma autêntica dupla viagem pela geografia... sem pagar. Ministrado por um consórcio de instituições de ensino superior de três países —Nova Information Management School da Universidade Nova de Lisboa (NOVA IMS), Institute for Geoinformatics da Universidade de Münster (WWU) e Universidade Jaume I (UJI)—, o programa oferece um pacote de bolsas de estudo generosas suportadas pela União Europeia. E os próximos cinco anos de financiamento já estão garantidos.

O programa acaba de receber, mais uma vez, boas notícias no capítulo do financiamento, que se traduzem em 3,9 milhões de euros para distribuir. Marco Painho, professor catedrático e coordenador do Master of Science in Geospatial Technologies da Nova IMS, revela ao JE Universidades que cada bolsa tem um valor de 1.400 euros por mês, mais seguro de saúde.

Para os estudantes, a frequência do mestrado é uma experiência científica e cultural única. Para os professores, uma tarefa desafiante e enriquecedora ensinar um grupo incomum de alunos de todo o mundo. “O primeiro semestre é ministrado com metade dos alunos em Portugal (Nova IMS) e metade em Espanha (Universitat Jaume I). O segundo semestre com todos os alunos na Alemanha (Universidade de Münster)”, explica Marco Painho ao JE Universidades. “No



terceiro semestre, quando se realiza a tese, os alunos são distribuídos pelas três instituições, num claro reconhecimento da excelência do ensino e dos métodos que esta escola apresenta, e das boas relações

Candidaturas

As candidaturas para as bolsas abrem em outubro do ano anterior ao início do programa. Por exemplo para o ano letivo a iniciar em 2023 as candidaturas abrem em outubro de 2022. As candidaturas para alunos não-bolseiros estão abertas até ao final de junho do ano em que se inicia o curso. Para o curso a iniciar em setembro de 2022 as candidaturas estão abertas até junho de 2022.

internacionais que sabe desenvolver”, acrescenta.

O programa é em inglês. O pré-requisito para participar é uma licenciatura numa área de aplicação de geoinformática, como, por exemplo, ciências ambientais, planeamento paisagístico ou ciências agrícolas. O programa de licenciatura destina-se a licenciados universitários com ou sem experiência profissional.

“A relevância social reflete-se, entre outras coisas, nos temas das teses de mestrado com que os alunos lidam. Trata de áreas globais e práticas de aplicação da geoinformática, por exemplo, para prever e visualizar os efeitos das inundações no Bangladesh, a fim de criar planos de catástrofes nes-

ta base”, explica Marco Painho. Outro exemplo é o acompanhamento da desflorestação da floresta tropical no Brasil através da observação por satélite, a fim de documentar e combater a desflorestação ilegal.

O programa europeu “Erasmus Mundus” promove programas de mestrado internacionais de elevado nível, como este Mestrado em Tecnologias Geoespaciais da Nova IMS. O carácter internacional do programa, que catapultou as instituições parceiras a nível mundial, atraiu já mais de 250 estudantes de meia centena de países. Vieram de origens tão diversas como a Etiópia, Brasil, Estados Unidos, China, Colômbia, Timor-Leste ou Jamaica. ■

Breves

UCoimbra atribui Doutoramento Honoris Causa a Rui Nabeiro



A mais elevada distinção de uma universidade em Portugal, o Doutoramento Honoris Causa, foi ontem atribuída a Rui Nabeiro pela Universidade de Coimbra, sob proposta da Faculdade de Economia. Esta homenagem coloca em evidência “uma forte sintonia entre os princípios de gestão que se ensinam na Universidade de Coimbra, em particular nos vários ciclos de estudos da FEUC, e a sua concretização nos processos de liderança empresarial e na dimensão humana das relações de trabalho”. A Universidade destaca o “admirável empreendedor” que Rui Nabeiro é. Uma “figura de espírito solidário e de grande humanismo”, qualidades que incutiu no grupo empresarial que fundou há mais de seis décadas e tem projetado uma marca e uma região no país e no mundo.

IPVC reconhecido lá fora pelas práticas de bem estar e sustentabilidade

O Instituto Politécnico de Viana do Castelo (IPVC) obteve a certificação platina da Federação Internacional do Desporto Universitário (FISU) Healthy Campus Programme, pelo desempenho dos campi em matérias de bem-estar e de sustentabilidade. O Politécnico de Viana do Castelo está entre as seis instituições de ensino superior nacionais certificadas.

Escola de negócios do ISCTE brilha no Positive Impact Rating

A Iscte Business School foi distinguida como uma escola “transformadora” no Positive Impact Rating – PIR, uma avaliação internacional alternativa aos rankings habituais, com 45 escolas em 21 países. “É um grande orgulho saber que a qualidade da nossa formação e o trabalho dos docentes teve uma avaliação tão positiva dos estudantes”, afirma Maria João Cortinha, diretora da Iscte Business School. No total, a Escola está no quarto nível de cinco no PIR.

BUSINESS AUTOMATION FOR THE FUTURE OF WORK

Formação para líderes e gestores junta Católica-Lisbon e EDP

ALMERINDA ROMEIRA
aromeira@jornaleconomico.pt

O ritmo acelerado da mudança e os elevados níveis de concorrência exigem conhecimento de ferramentas que permitam ao gestor transformar a organização. A Robotic Process Automation é uma tecnologia concreta de automação, (RPA) e uma dessas ferramentas. É também a protagonista de uma formação para executivos desenhada em parceria pela escola de negócios da Universidade Católica na capital, CATÓLICA-LISBON e a maior elétrica nacional, EDP, pioneira em Portugal



na automação robotizada de processos.

A próxima edição da formação Business Automation for the Fu-

ture of Work arranca a 21 de junho, decorrendo as candidaturas até ao próximo dia 14.

Ricardo Hugo Henriques e João

Ribeiro da Costa partilham a direção do programa, que tem como objetivos proporcionar os conhecimentos necessários para um gestor poder atuar de forma sólida no processo de discussão da aplicabilidade da RPA nas organizações, fazer o respetivo “business case”, definir a governança adequada e saber quais os passos principais da implementação.

José Miguel Martins, Diretor de Área do Novo Banco frequentou anteriormente o programa e elogia-lhe a qualidade e a diversidade dos participantes. Foi, refere, “uma oportunidade única para aprofundar e ganhar novas competências num tema tão atual”. ■